

A IMPORTÂNCIA DA POESIA PARA O ENSINO DE LITERATURA: UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE MÁRIO QUINTANA

Flávia Kellyane Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Percebe-se o quanto a poesia é desvalorizada na escola, pois muitos alunos e até mesmo alguns professores não gostam de ler poemas por terem uma visão equivocada sobre eles. Na maioria das vezes o poema acaba sendo trabalhado, como pretexto para análise gramatical ou questionamentos sobre seu aspecto formal. A proposta deste artigo é discorrer sobre a importância da poesia trabalhada em sala de aula, e o quanto significativo pode ser o trabalho com este gênero para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Para tanto, este trabalho baseia-se nas reflexões de GEBARA (2001), PINHEIRO (2002), LAJOLO (2008), entre outros.

Palavras-chaves: poesia. ensino. Quintana.

1. INTRODUÇÃO

A poesia ainda é um gênero bastante desvalorizado no contexto escolar. Percebe-se em grande parte que os alunos não gostam de ler poemas e o professor acaba não conseguindo e/ou não encontrando meios para motivá-los a lerem textos poéticos. É possível enumerar diversos fatores responsáveis por este tipo de prática em sala de aula, a começar pelas falhas encontradas na formação do professor e na abordagem empobrecida da poesia nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A grande maioria dos livros, quando tratam deste gênero em seu conteúdo, serve apenas como pretexto para estudos gramaticais ou para dar ênfase aos aspectos formais do poema. Porém, deve-se ter muito cuidado em tentar apontar um culpado na ocorrência destes aspectos, pois na verdade, não existe apenas um culpado, mas sim um conjunto de fatores que podem ser considerados responsáveis por esta situação.

Na verdade muitos educadores sabem sobre a importância da leitura da poesia durante o desenvolvimento escolar e humano dos alunos, mas em vez de assumir o seu papel de incentivar o trabalho com este gênero, acaba piorando a situação, quando trata a poesia de forma equivocada e superficial. Sabe-se que atualmente em nossa sociedade o hábito da

leitura não é tão valorizado, este comportamento advém de fatores socioculturais e políticos. Assim, é comum verificarmos que o conceito que se tem sobre leitura está restrito à mera decodificação das palavras, ou seja, tal mecanismo não oferece a oportunidade ao leitor de perceber os diversos sentidos contidos no texto.

No entanto, diante destes aspectos, a leitura de poesia se encontra numa situação muito pior, pois não é próprio da nossa sociedade o cultivo da leitura de textos poéticos. Assim, isto ajuda o nosso aluno a não perceber a riqueza que podemos destacar neste gênero, pois ele acaba considerando sua leitura incompreensível e sem sentido. Isto é grave, pois esta posição não lhe permite ampliar sua formação como leitor crítico e reflexivo.

Portanto, alguns professores deixam de trabalhar com textos que os ajudariam na prática docente e seria muito significativo para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Porém, existirá conhecimento significativo para o discente sem a prática de leitura? Existem diversos tipos de conhecimentos, no entanto, não pode haver conhecimento sem o ato da leitura por parte do professor e dos alunos.

Acreditamos que a poesia é uma ótima opção para professores que se propõem a trabalhar com textos significativos visando a formação de alunos-leitores-críticos-reflexivos, visto que os autores deste gênero empenham-se em mostrar seu pensamento sobre o mundo, a cultura, o meio social e seus sentimentos no momento em que está escrevendo. No entanto, como um professor que não tem o hábito de ler poesia poderá ensinar os alunos a gostarem de ler poesia?

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a importância da poesia trabalhada em sala de aula e o quanto significativo pode ser o trabalho com este gênero para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Ligado a tal estudo, este artigo busca analisar dois poemas do livro *Lili inventa o mundo* (2005), de Mario Quintana, considerando o grande reforço que este autor possui em relação ao seu texto poético como importante ferramenta na formação do leitor reflexivo e criativo.

2. LITERATURA E ENSINO

Sabemos que em se tratando do ensino de literatura, em sua grande maioria a escola na figura do professor acaba priorizando apenas o ensino da história da literatura. Porém, entende-se que este tipo de instrução é insuficiente quando se pretende formar alunos/leitores críticos reflexivos. É importante que se tenha a consciência por parte dos professores de

buscar compreender a literatura de maneira dinâmica, oferecendo aos alunos a oportunidade de explorar o texto na totalidade de riqueza que ele pode aforar.

Para que isto aconteça no ensino de literatura, ele não pode estar pautado apenas em informações de escolas literárias, ao contrário, “trata-se, prioritariamente, de formar leitores literários, em outras palavras, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito” (PCN, 1998, p.55), ou seja, propiciando-lhes o contato com os diversos tipos de textos literários.

No entanto, nas aulas de Português, a leitura de obras literárias termina assumindo uma postura escolar que possui objetivos diversos que servem apenas como critério de avaliação, que resulta no não interesse pela leitura por parte dos alunos – principalmente a literária - ou seja, “o problema é que os rituais de iniciação propostos aos neófitos não parecem agradar: o texto literário, objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incômodo desinteresse enfado dos fiéis – infidelíssimos, aliás – que não pediram para ali estar” (LAJOLO, 2008, p.12).

Ainda segundo Lajolo (2008) o texto literário utilizado em sala de aula acaba sendo muitas vezes deixado de lado em discussões pedagógicas, isto é, a escola, por não saber exatamente como abordar este tipo de texto, termina oferecendo a ele um lugar secundário, e é aí que a literatura passa a ser tratada como pretexto e estratégia para o estudo de outros objetos.

A partir disto, o texto literário serve como base para o ensino da escrita, para o estudo estrutural da língua e mesmo fazendo a leitura deste tipo de texto, ela não corresponde a uma leitura literária, não permitindo que o aluno tenha liberdade de compreender e desenvolver diversas possibilidades de sentidos para o texto, em que a única acepção aceita para ele é a dada pelo professor ou a que se encontra no livro didático.

Acredita-se que a aula de literatura é um espaço dialógico, ou seja, é um lugar norteado pela interação, repleto de leituras de diversos textos, de construção de sentidos, e para que isto aconteça desta forma é preciso que se promova o debate na aula. Esta seria uma postura esperada por parte do docente, a de oferecer ao aluno-leitor condições de discutir aspectos diversos que o contato efetivo com os textos pode dar.

Privilegiar o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático, por ser um momento de todos revelarem, se quiserem, seus pontos de vista, suas discordâncias, certos de que não estão sendo avaliados. (PINHEIRO, 2002. p. 66)

Portanto, um dos grandes desafios do professor é o de tentar ajudar os alunos a criar e rever suas interpretações nas leituras iniciais, neste momento o docente assume uma postura de mediador, contribuindo para a construção de novas interpretações, evitando leituras prontas. Por isso, é importante pensarmos na formação de leitores proficientes, onde através da leitura eles possam construir um pensamento crítico sobre os diversos temas que permeiam seu cotidiano, que façam parte da sua vida e que principalmente eles possam compreender o seu meio para poder modificá-lo tornando-o melhor.

Sabemos que a escola pode ensinar a ler, e também desenvolver um ensino de literatura que priorize o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com o letramento literário, mas para que isso ocorra é necessário que ela se atualize, dando espaço para práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas.

Dentro da literatura encontramos diversos gêneros textuais, cada um com suas características específicas e a poesia é um gênero rico em vários aspectos que devem ser considerado em uma sala de aula.

O texto poético é uma ótima opção para professores que querem trabalhar com textos significativos, visto que os poetas buscam transmitir seu pensamento, cultura, meio social e sentimentos no momento em que está escrevendo.

3. A POESIA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE LEITORES REFLEXIVOS E CRIATIVOS

Vimos que atualmente nas aulas de língua portuguesa a leitura é algo pouco explorada, mas sabemos que ela é de fundamental importância para a construção de conhecimentos, pois através dela o aluno conhece diferentes culturas, etnias, lugares e crenças. Infelizmente, o incentivo a leitura da poesia ficou esquecido dentro do contexto escolar, pois os professores em sua maioria optam em tratar em sala de aula, de assuntos considerados “mais sérios”. Mas, no fundo, todos os educadores sabem da importância e da grande influência que a poesia tem em nossas vidas e na formação de leitores mais proficientes e de cidadãos mais críticos. Portanto, quem lê poesia não está considerando assuntos que não são sérios, pelo contrário, vive a realidade, passa a olhar com mais verdade o mundo.

Conforme Pinheiro (2003) a crise da leitura de poesias na escola acontece principalmente porque a poesia não é vista com o valor em si mesma. Para ele, a poesia só será um dos gêneros valorizados no âmbito escolar quando for compreendida em sua essência. Assim, é importante ter cuidado na escolha do poema a ser tratado e como será abordado.

Segundo Gebara (2007), a leitura do poema acaba sendo feita de forma equivocada em que na maioria das vezes ele é lido com a utilização de estratégia da recitação ou leitura dramatizada, servindo apenas como método decorativo nas aulas. Com isto, o texto poético é visto apenas superficialmente. Como afirma Pinheiro (2003), ao escolher textos poéticos deve-se levar em conta os critérios estéticos que o constitui, como o ludismo sonoro, as imagens simbólicas e a riqueza da linguagem figurada que ele contém.

Um problema apontado por Gebara (2007), diz respeito à escolha dos poemas, pois nem sempre a poesia que está no livro é a desejada pelo aluno para a realização da leitura. Pinheiro (2003) aponta outro problema na atividade oral de poemas em que a leitura é feita apenas como decodificação, não se considerando a reflexão sobre o texto. Para ele, a leitura deste gênero deve envolver e cativar o leitor, através da utilização de recursos sonoros. Contudo, o primordial nesta atividade é a reflexão do texto lido, pois é importante para que o leitor desenvolva sua capacidade criativa.

A poesia infanto-juvenil é bastante significativa para que se alcance êxito nas etapas iniciais do gosto pelo poético. Assim, o poema está relacionado a faixa etária de seu leitor, este fator é característico da literatura infanto-juvenil que reflete sobre a estrutura do texto, ou seja, sua estética e temática. Por isso, existem poemas para crianças pequenas, para crianças maiores, para pré-adolescentes e adolescentes, com características correspondentes as expectativas e necessidades condizentes com as idades de seus leitores.

Lajolo & Zilbermam (1985) salientam que atualmente a poesia infantil busca tratar como tema o cotidiano da criança, como faz Cecília Meireles em “Roda na rua”, “Jogo de Bola” e “Tanta Tinta”. Encontra-se também na poesia infantil contemporânea uma atitude diferenciada relacionada à linguagem, ao recorte da realidade em que há um distanciamento da representação do real, como faz Mário Quintana (1997) em *Lili inventa o mundo*.

Segundo Abramovich (1997), Quintana em suas poesias acaba propiciando ao leitor criar um mundo mágico, de faz-de-conta, como o fez em *Lili inventa o Mundo*. A personagem do livro, *Lili* é uma criança que brinca com o mundo imaginário, que *inventa* o seu próprio mundo infantil, como acontece com muitas crianças que arquitetam ou idealizam amigos imaginários e criam brinquedos esquisitos. Além disso, o título do livro mostra uma visão infantil do mundo, pois a criança está descobrindo o mundo poeticamente. Desta forma, o autor apresenta a elas uma visão poética do mundo despertando assim a sensibilidade existente nos elementos cotidianos do ambiente infantil. Desta forma, cria-se um universo

fantástico e surreal que procura mostrar a relação da criança com a natureza através de mecanismos que a insira em uma atmosfera de cores e sensações diversas.

No livro, encontramos ainda, a recuperação das modinhas infantis, canções de ninar e brincadeiras de roda, reforçando ao máximo as aliterações, as onomatopéias e as rimas internas, pois entendemos que o ritmo e a sonoridade são fundamentais para o leitor infantil identificar tanto a imagem verbal quanto a visual presente nos textos literários.

No próximo tópico verificamos a grande importância da poética de Mário Quintana para a formação de leitores proficientes através da análise de dois poemas do livro *Lili inventa o Mundo*.

4. IMAGINANDO E CRIANDO O MUNDO: A POÉTICA DE MÁRIO QUINTANA

O mundo infantil existente na poesia de Mário Quintana nos mostra a importância da imaginação. Em *Lili inventa o mundo*, o autor se depara com uma criança com características próprias da infância. Porém, em alguns momentos essa criança apresenta características adultas identificadas em textos que se relacionam a um tempo de infância. O poema “*Conto de Todas as Cores*” (2005, p.12), nos revela um pouco desses dois mundos. O mundo irreal do poema adquire forma através da menina verde, do menino azul, do negrinho dourado e do cachorro com tons e entretons de arco-íris, como mostra o texto transcrito:

Eu já escrevi um conto azul, vários até.

Mas este agora é um conto de todas as cores.

Sim, porque era uma vez um menino verde

um menino azul

um negrinho dourado

e um cachorro com tons e entretons do arco-íris.

Até que,

devidamente nomeada pelo Senhor Prefeito,

Veio ao seu encontro uma Comissão de Doutores

- todos eles de preto, todos eles de barbas, todos eles de óculos

E,

por mais que cheirassem e esfregassem os nossos quatro amigos,

viram que não adiantava nada

e puseram-se gravemente a discutir se aquilo poderia ser

mesmo de nascença ou...

- Mas nós não nascemos – interrompeu o cachorro – nós fomos inventados!

(QUINTANA, 2005, p.12)

Vemos que a criança possui condições de se encontrar nesta poesia, pois seus elementos, personagens e o enredo têm uma aparência de conto que oferece diversas e excepcionais imagens que provocam o leitor infantil, dando-lhes a possibilidade de viajar e refletir. Nesse sentido, a poesia produzida para o público mirim recupera a magia que o cotidiano tem para oferecer.

Sabe-se que o despertar de emoções é típico da poesia e no caso da criança, refere-se ao brincar, no momento em que joga com palavras que podem até mesmo não combinarem entre si, aparentando não possuírem nexos: como se pôde observar no poema em estudo, alguém pode escrever um conto azul? Ou vários até?. Aqui a poesia infantil acaba se manifestando textualmente de maneira não linear que incita a criança a brincar com as palavras e com os diversos sentidos que ela pode assumir dentro do texto. Portanto, a escrita não linear que acaba fugindo das normas de objetividade, estabelece uma lógica que se aproxima do ilogismo infantil, por isso, a imagem assume um papel fundamental na estruturação do poema.

A poesia de Quintana fala de um conto de todas as cores, da presença e das diferenças das três crianças e de um cão. O autor se utiliza da repetição: “um menino azul / um negrinho dourado /e um cachorro com tons - [...] todos eles de preto, todos eles de barbas, todos eles de óculos”, e brinca com as palavras, dando ritmo ao texto. Nesse exemplo, a poesia ocorre sem a necessidade de a repetição estar diretamente ligada a uma rima.

Trevisan (2000) afirma que a repetição faz parte do ritmo e este é algo que flui, dá ritmo ao verso que se agrupa em séries na composição poética de estrutura tradicional. O ritmo e a repetição estão relacionados entre si ambos contribuindo para sonoridade de um poema infantil.

Um animal marca presença em “*Contos de todas as cores*” como um recurso a mais na proximidade com o ambiente infantil. As crianças, geralmente, desejam adquirir bichos de estimação, especificamente cachorros, para fazerem companhia em seu cotidiano. Assim, ele acaba tendo uma imagem de um fiel companheiro, com quem a criança pode conversar,

brincar, etc. Alguns meninos e meninas, quando pequenos, necessitam criar e recriar mundos a partir do que está a sua volta e do que vêem em suas mentes, como os animais-amigos.

As características físicas e aparentemente exóticas dos personagens criados por Quintana em seu poema fizeram o senhor Prefeito nomear uma comissão de doutores, vestidos de preto, para avaliá-los. A resposta de que tudo é poder da invenção, as crianças encontram rapidamente, pois a fantasia também faz parte da vida real. Zilberman (2008) esclarece sobre a importância da leitura da literatura, principalmente pelo seu poder de instigar a imaginação. “Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação” (ZILBERMAN, 2008). Candido (1995) considera a literatura como a manifestação cultural dos homens em todos os tempos e lembra que não há povo “[...] que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 245). No caso da poesia, é um gênero que se utiliza de uma linguagem que se aproxima da fantasia, principalmente em se tratando dos textos dirigidos ao público infantil.

“*Dorme ruazinha*” (2005, p. 13) é outro poema extraído de *Lili Inventa o mundo* (2005) e escolhido para análise neste artigo. Nele, Quintana dá vida a algo inanimado e que serve como caminho para dar passagem a diversas vivências dos diferentes papéis humanos existentes na vida cotidiana. A rua guarda histórias mesmo quando o dia desaparece e a noite resolve nascer, conduzindo a maior parte da população ao seu leito de sono. É ela, a ruazinha, a protagonista dos 14 versos abaixo e é ela que se mostra ligada à criança:

Dorme ruazinha... É tudo escuro...

E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?

Dorme teu sono sossegado e puro,

Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...

Nem guardas para acaso persegui-los...

As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,

O vento enovelou-se como um cão...

Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são,

Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

(QUINTANA, 2005, p. 13)

Nesse texto, o eu lírico embala e coloca para dormir a ruazinha. Na musicalidade e ritmo das palavras, o leitor mirim acaba se sentindo como se estivesse sendo guiado por uma canção de ninar. Trevisan acrescenta que o ritmo é o essencial do verso e está próximo dos sentimentos: “[...] é a linguagem repetida com a finalidade de torná-la veículo apropriado da emoção” (2000, p. 72). As crianças carregam memórias das cantigas de infância. De acordo com Ramos (2005), o primeiro diálogo da criança com a literatura oral/popular acontece, geralmente, através da cantiga de ninar, em que o adulto canta para o bebê, ainda que esse adulto não leve em consideração o sentido do que está lendo ou cantando para o bebezinho. A autora percebe que a grande relevância existente nas cantigas é a oportunidade que se tem de interação com a melodia e o aconchego que ela pode proporcionar. Tal aconchego está presente em “*Dorme ruazinha*” proporcionado tanto para crianças quanto para adultos. Além dessa interação de que fala Ramos (2005), a poesia de Quintana vai além do canto de ninar porque está repleta de significações, ainda que sejam imaginárias, essas significações presentes na ruazinha representam o ponto de partida para a reflexão, bem como traz a oportunidade para a criança articular pensamento, sensibilidade e emoção.

O leitor é levado a passear pela ruazinha e a ficar acarinhando-a com os olhos. Nela, a criança pode pisar sem acordar ninguém: “E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?”. Nela, a criança pode trabalhar a imaginação e todos os adereços que ela permite, porque a descrição do espaço: “Na noite alta, como sobre um muro / As estrelinhas cantam como grilos.../ Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos...” fornece uma variedade de inusitadas imagens. O leitor é provocado a viajar e refletir. O poema abre caminho nesta ruazinha, manifestando o silêncio, a tranquilidade e a segurança do local em que ela se encontra para bem perto do leitor. Pois, é a noite que na maioria das cidades, sejam elas grandes ou pequenas, as pessoas e os carros se “escondem” dentro de suas casas, deixando as vias públicas menos cheias e mais desérticas.

Quintana se utiliza da repetição, brincando com as palavras e com os versos: “Dorme teu sono sossegado e puro / Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro... [...] / Dorme,

ruazinha... Não há nada...”. Percebe-se que este poema não possui estrutura cronológica, pois se trocasse-mos as estrofes ainda assim teriam sentido e continuariam dando oportunidades para o leitor interagir com o texto. Isso ocorre porque a linguagem poética pode ser apresentada sem seguir uma cronologia, embora sua essência seja marcada pela organização dos significados. Ou seja, ela pode ser desordem quando quer e organização quando percebe que é importante, tal recurso possui grande relevância principalmente quando se trata de um público infantil.

O vento enovelando-se como um cão e dormindo na calçada é outra cena que desperta a fantasia do leitor em “*Dorme ruazinha*”. É possível o vento se enrolar na calçada como fazem os cães de rua? Para Quintana, é sim. O mundo de que trata a poesia é metafórico, é enigmático, pode ser real ou não. Independentemente de um ou outro, sua ação atinge a imaginação das pessoas, provocando os mais variados sentimentos que vão desde a felicidade até o mal-estar, que pode ser representado pelo medo, pela angústia, pela vida, pelo desejo, pelos sonhos...

Em se tratando do fato enigmático alguns estudiosos afirmam que ao tentar decifrá-lo, a criança busca dar sentidos a leitura verbal e as imagens que vai criando e imaginando enquanto lê. O princípio estrutural do enigma (de provocação do sentido) desencadeia o processo de evocação aos muitos sentidos que podem ser atribuídos a um mesmo texto.

O mundo da criança é um mundo que se configura de forma particular, é imaginação, criação e polissemia. É um espaço que para o adulto pode não ter grandes significados e fazer parte apenas de uma lembrança infantil. Com isso, algumas dificuldades podem ser manifestadas no que tange o aspecto da sintonia entre o leitor criança e o autor adulto. Conforme Ramos (2004), o escritor deve ajustar sua obra à realidade e às vivências do público infantil. De acordo com a autora, é necessário que o escritor leve a criança a interagir com a obra, seja ela escrita em prosa ou em poesia:

Há quem diga que a criança é exigente; no entanto, acredito que não se trata propriamente de exigência, mas de atendimento a um aspecto estrutural da arte: o receptor precisa se ver no objeto artístico, ou seja, o horizonte de expectativas do leitor necessita dialogar com o horizonte do texto, a fim de que haja interação. (RAMOS, 2004, p. 128).

No caso de Quintana, é um autor que respeita seu leitor e desperta o imaginário do público infantil assim como o é, sem trair ou desvalorizar as características deste leitor jovem.

Porém, percebe-se que em alguns momentos ele se direciona para um público adulto e ainda assim sempre se referindo à infância.

Em se tratando da criança na escola e o seu encontro intenso com a poesia e com a literatura de forma geral, ela precisa ser orientada por um indivíduo que tenha prazer pela leitura de um poema e que saiba reconhecer que este gênero ajuda no desenvolvimento da capacidade imaginativa da criança, além de produzir conhecimento. Esse encontro do infante com o texto poético pode começar pela família, mas terá maior importância quando partir do professor.

De acordo com Averbuck (1984), principalmente para o público infantil, o educador é quem deve provocar e oferecer oportunidades para os alunos reconhecerem o valor que um poema possui quando toca o íntimo da criança. A autora explica que recuperar o conteúdo lúdico da poesia no trabalho escolar significa valorizar a essência e a originalidade do texto poético, pois o que a linguagem poética faz é brincar com as palavras e seus sentidos. É importante jogar com o poema, ou seja, com sua desconstrução e reconstrução, tal procedimento serve como exercício de liberdade poética onde a criança alfabetizada pode exercitar a imaginação relacionando poesia a outras formas de arte.

No contato com as imagens de um poema, a criança avança em sua liberdade porque dispõe da chance de recriar o que foi construído pelo escritor-poeta e pode fazer uma nova elaboração em cima de seu pensamento, de suas reflexões e de suas intenções. Na opinião de Averbuck (1984, p.83): “A poesia na escola pode cumprir um papel integrador na medida em que, apoiando-se na palavra do aluno e do poeta, busca a essência da expressão do homem”.

Pelas análises já realizadas, dos dois poemas de Quintana é possível destacar e perceber as particularidades estruturais do texto poético e seus possíveis efeitos nos leitores infantis. Vimos em algumas observações feitas na fundamentação teórica deste trabalho que a poesia, embora atraente ao aluno, é pouco trabalhada nos colégios. Uma das causas citadas é o despreparo do professor frente ao gênero. Muitos educadores têm receio de se entregar à fruição da linguagem simbólica, já que o texto poético emprega uma linguagem carregada de sentidos e imagens. A poesia, como é possível constatar neste estudo, cria caminhos para o leitor mirim estabelecer diálogos com o texto e consigo mesmo num processo de autoconhecimento e invenção. A obra de Quintana reforça a percepção de que o texto poético é importante ferramenta na formação e no estímulo à criatividade do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a literatura possibilita o encontro do homem com a cultura e se tratando do leitor infantil, com o prazer, a fantasia e com a realidade que o cerca. Além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores sociais existentes na sociedade, contribui para a formação de um sujeito-leitor, crítico-reflexivo e ativo em suas decisões sociais enquanto participante da sociedade. Portanto, repensar a formação e o papel do professor em sala torna-se uma das questões fundamentais para uma prática pedagógica eficiente.

A importância da poesia na escola está na sua ação formadora, pois ela representa uma forma que ajudará a ampliar o domínio da linguagem e capacita o leitor na construção do conhecimento. Assim, o texto poético possibilita ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro e ainda o mundo que está a sua volta. Leva à recriação e à busca de novos sentidos que um texto pode oferecer.

Desta forma, é relevante que a escola propicie ao aluno momentos de contato com os textos poéticos. Sentindo e apreciando a poesia, o discente se sensibiliza ante o mundo e usufrui dela como um meio de comunicação inclusive consigo mesmo. Portanto, a função da escola pode não ser o de formar poetas e sim tornar os alunos sensíveis à poesia.

Essas considerações nos reportam a José Paulo Paes (1995, p.1): “O texto poético é o espaço mais rico e amplo, capaz de permitir a liberação do imaginário e do sonho das pessoas. É preciso que o fato poético esteja muito presente e seja bem trabalhado pela escola para que o universo escolar possa romper o tédio e a indiferença com que muitas vezes se vê recoberto. Um mundo sem poesia é o mais triste dos mundos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Poesia para Crianças. In: **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 65-95.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.
- BORDINI, Maria da Glória. **A poesia e seus usos na infância**. In: BECKER, Paulo; BARBOSA, Márcia H (org.). **Questões de literatura**. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 67-84.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. O poema, um texto marginalizado. In: CHIAPPINI, Lígia (coord. geral). **Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
- PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2ª ed., João Pessoa: Idéia, 2002.
- _____. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.62- 74.
- QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. 13ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- RAMOS, Flávia B. A poesia infantil a caminho da emancipação: lendo Capparelli pelo olhar da infância. In: ZINANI, Cecil Jeanini Albert, SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Orgs.). **Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil**. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- TREVISAN, Armindo. **A poesia: uma iniciação à leitura poética**. Porto Alegre: Uniprom, 2000.

ZILBERMAN, Regina (Org). **A produção cultural para a criança**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.